



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA E O TRABALHO PRECÁRIO NO LITORAL BRASILEIRO

Patricia Marília Felix da Silva

patriciamfelixs@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Brasil

RESUMO

A situação de desemprego, atrelada à profunda desigualdade social e à insuficiência de políticas públicas, tem sido uma das principais causas da pobreza, pois a renda advinda do trabalho é um dos elementos primordiais de garantia à sobrevivência. Essa situação impacta negativamente na realidade de pessoas em situação de rua, definidas como um grupo populacional heterogêneo que apresenta a pobreza extrema como uma marca distintiva, agregada à ausência de moradia convencional e à dificuldade de inserção em emprego permanente. Estes indivíduos compõem o cenário urbano das principais cidades brasileiras, executando diferentes tipos de trabalho forçado e precarizado. Assim, este trabalho, enquanto recorte da tese de doutorado, analisa a configuração dos trabalhos executados por essas pessoas numa praia brasileira, mais precisamente na praia de Boa Viagem, na cidade Recife. Esses trabalhos se referem à função dessas pessoas em carregar as “carroças”, ou seja, todas as cadeiras, mesas, guarda-sóis e demais utensílios a serem utilizados por outro trabalhador para oferecer serviços (como venda de bebidas e comidas) aos frequentadores da praia. Por meio de entrevistas semiestruturadas, tem-se verificado que, até o momento da pesquisa, estes trabalhos, caracterizados pela informalidade, geram baixo rendimento e incerteza quanto ao planejamento futuro. São atividades que, para a grande maioria dos que as executam, não



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

apresentam condições favoráveis à saída da situação de rua, fato mais evidente quando se considera a permanência da execução dessas atividades ao longo de muito tempo. Trata-se, portanto, de trabalhos precários permanentes, os quais, além de não satisfazerem as necessidades de sobrevivência dos indivíduos, prejudicam a saúde, as relações sociais e a dinâmica subjetiva destes. A respeito da informalidade, salienta-se que se trata de um conceito operacional e empírico, porque na prática há uma integração dialética entre o formal e o informal. E, por mais que a dinâmica de reestruturação produtiva e o consequente processo de flexibilização tenha aguçado e agravado a informalidade, é importante assinalar que a mesma já é inerente ao processo de acumulação capitalista no Brasil, ou seja, que as atividades do setor dito informal não estão dissociadas da expansão da economia e do regime mercadológico. É importante mencionar que, atrelada aos diferentes motivos que as pessoas em situação de rua apresentam para estarem nessa circunstância, verifica-se a pobreza e o desemprego como fatores presentes, da mesma forma que a ausência do trabalho é uma das justificativas que as impedem de sair dessa circunstância. Esta pesquisa tem sido importante para defender a tese de que as pessoas em situação de rua, por mais que estejam nesta condição por conta do desemprego, ainda assim são trabalhadoras.

Palavras chave: Trabalho, pessoas em situação de rua, desigualdade social.

ABSTRACT

The situation of unemployment, added with the deep social inequality and with the insufficient public policies, has been one of the main causes of poverty, because the income from the work is one of the primordial elements to survival guarantee. This situation impacts negatively in the reality of homelessness, who are defined as a heterogeneous population group which presents the extreme poverty as a distinctive brand. This group also does not have conventional house and has difficulty to insertion in permanent employment. These individuals make up the urban setting of the main brazilians cities, doing diferentes forced and precarious labor. So, this paper, as a part of mi doctoral thesis, analyzes the works did by these people on a brasilian beach, named Boa Viagem's beach, in



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Recife. This works refer to the function of these people in carrying the “carroças”, that is, all chairs, tables, umbrellas and others utensils used by others workers to offer services (as sale of drinks and foods) to beach goers. Through semi-structured interviews, it has been verified that, until the moment of the research, these works, characterized by informality, generate low income and uncertainty about future planning. They are activities which, to the main of the person who do this, do not have favorable conditions to the exit from homelessness situation. This fact is more evident when one considers the permanence of the execution of these activities over a long time. These are, therefore, permanent precarious jobs, which, besides does not satisfy the needs of individuals, affect their health, social relations and the subjective dynamics. About informality, this is a operacional and empirical concept, because in the practice there is a dialectical integration between formal and informal. And, although the dynamic of productive restructuration and the process of flexibilization has been worsened the informality, it is important point out the this dynamic is already inherent in the process of capitalist accumulation in Brazil. That is, the activities of named informal sector do not dissociated from the expansion of the economy and from the market regime. It is important to mention that, linked to the different reasons that homelessness present to be in this circumstance, the poverty and the unemployment are present factors. Also, the absence of work is an of justifications of the homelessness to get out of situation of homelessness. So, this investigation has been important to defend the thesis which homelessness, although they are in this situation because there is unemployment, this people are workers.

Keywords: Work, Homelessness, Social inequality.

I. Introdução

A situação de desemprego, atrelada à profunda desigualdade social e à insuficiência de políticas públicas, tem sido uma das principais causas da pobreza, pois a renda advinda do trabalho



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

é um dos elementos primordiais de garantia à sobrevivência. Essa situação impacta negativamente na realidade de pessoas em situação de rua, definidas como um grupo populacional heterogêneo que apresenta a pobreza extrema como uma marca distintiva, agregada à ausência de moradia convencional e à dificuldade de inserção em emprego permanente.

Estes indivíduos compõem o cenário urbano das principais cidades brasileiras, executando diferentes tipos de trabalho forçado e precarizado. Assim, este artigo, enquanto recorte da tese de doutorado em andamento, analisa a configuração dos trabalhos executados por essas pessoas numa praia brasileira, mais precisamente na praia de Boa Viagem, na cidade Recife. Esses trabalhos se referem à função dessas pessoas em carregar as “carroças”, ou seja, todas as cadeiras, mesas, guarda-sóis e demais utensílios a serem utilizados por outro trabalhador para oferecer serviços (como venda de bebidas e comidas) aos frequentadores da praia.

Nesse artigo serão apresentadas as principais características desses trabalhos, apresentando a relação dos mesmos com a dificuldade para essas pessoas saírem da situação de rua.

II. Marco teórico/marco conceptual

Pobreza no Brasil

Para compreender a realidade das pessoas em situação de rua no Brasil é fundamental problematizar sobre a pobreza e a desigualdade social. A pobreza, intimamente vinculada ao capitalismo, é a situação em que necessidades básicas não são satisfeitas, causando prejuízos aos indivíduos. E esta não satisfação decorre de pressões do capital (GOUGH, 1999). Nesse sentido, a pobreza no Brasil não é resultante de um baixo Produto Interno Bruto (PIB), mas de uma enorme desigualdade social (CARVALHO, 2008; IVO, 2008; PEREIRA, 2006; MEDEIROS, 2003). Os estudos da pobreza consistem em desafio pois, por mais que a humanidade tenha alcançado níveis tecnológicos significativos, gerando enorme riqueza, ainda existem realidades de pobreza em caráter vultoso, de modo que apenas uma parcela reduzida da população mundial dispõe de condições para desfrutar dos benefícios alcançados internacionalmente. Desse modo, uma das



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

explicações plausíveis para esta situação dicotômica consiste nos elevados índices de desigualdade social. Assim, a pobreza “aparece, então, (...), como efeito da desigualdade econômica e social, e, portanto, como questão política, já que interfere sobre as condições da justiça redistributiva do país (IVO, 2008, p.24).” Semelhantemente, Pereira (2006, p. 243) afirma que “o problema brasileiro no combate à pobreza não é a escassez de recursos, mas sim a extrema desigualdade, a ineficácia da maioria das políticas sociais vigentes”. Além da desigualdade social, a pobreza também é oriunda de ausência ou ineficácia de políticas públicas.

Caracterização das pessoas em situação de rua como trabalhadoras

Situação de rua é um conceito com diversos significados, podendo se referir àqueles/as, de diferentes faixas etárias, que trabalham durante todo o dia, ou parte deste, na rua, sem ponto de apoio que ofereça um mínimo de descanso e condições para higienização e necessidades fisiológicas; crianças que, embora tenham casa, passam a maior parte do dia nas ruas, brincando, trabalhando, pedindo esmolas etc. Neste trabalho, o conceito de pessoas em situação de rua se refere aos indivíduos que passam todo o tempo nas ruas, podendo algumas vezes dormir em albergues, casas de parentes, amigos/as, etc., num período recente ou antigo (SILVA, 2009). Comumente, a situação de rua verifica-se de três maneiras: ficar na rua, que se refere a uma situação circunstancial; estar na rua, consistindo numa situação recente; ser da rua, atinente à moradia nas ruas de modo quase definitivo (VIEIRA, BEZERRA & ROSA, 2004).

Diante do acúmulo de violações e fracassos relacionados à vivência de pobreza que marcam diferentes gerações de sua família, em “experiências desestruturantes” (VARANDA & ADORNO, 2004, p.62), tais pessoas adotam a vida errante pelas ruas de grandes metrópoles, diferentemente de outros/as que, em condições semelhantes, vivem numa casa, embora, em muitos casos, esta apresente condições piores que as encontradas nas ruas. Por se tratar de um fenômeno global, esta realidade também se verifica em outros países¹.

¹ A Global Homelessness Statistics apresenta dados sobre a realidade da situação de rua em todos os continentes, embora haja limitações pois as informações são concedidas pelos países, que apresentam metodologias próprias. Neste site, verificou-se que há pessoas em situação de rua em diferentes países. Ver: <https://homelessworldcup.org/homelessness-statistics/>



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

É preciso salientar que, ao mencionar a situação de rua como uma alternativa, não se afirma que estas pessoas têm e/ou tiveram muitas oportunidades e escolheram as ruas, e todas consequências advindas delas, como uma opção de vida, *simplesmente* porque gostam dessa situação. Mas que, embora as oportunidades sejam poucas, é preciso considerar a agência desses indivíduos e que não foram às ruas como marionetes, como se houvesse um determinismo inescapável sequenciador da situação de rua. Por outro lado, considera-se que não basta querer sair das ruas, pois as dificuldades em níveis micro e macro são inúmeras, num contexto de grande desigualdade social e de poucas oportunidades de mobilidade, sobretudo pela insuficiência das políticas públicas, seguindo a tendência da América Latina.

O principal motivo para estarem nessa circunstância é a pobreza, sobretudo a pobreza extrema, gerada pela junção de carência financeira individual mais ausência de políticas públicas, como as de emprego, moradia, saúde, alimentação. Nesse cenário, marcado fortemente pela visão capitalista, liberal e meritocrática, geralmente o emprego estável age como uma via importante para manutenção da sobrevivência. Porém, no contexto de desemprego e/ou trabalhos precários, indivíduos e famílias são impelidos à situação de rua (SNOW & ANDERSON, 1998; SILVA, 2009; ESCOREL, 2003; ROSA, 2005).

Presentes nas principais cidades do mundo, inclusive em países economicamente ricos como os Estados Unidos da América, as pessoas em situação de rua são vistas pela maioria da população como parte integrante da paisagem social, motivo pelo qual muitas vezes são naturalizadas pelos transeuntes, tanto turistas como moradores da localidade. Sua presença geralmente tem uma notabilidade maior quando são encaradas como possível ameaça à segurança ou incômodo pela sua aparência e cheiro não condizentes com os padrões de higienização e estética compartilhados pela sociedade em geral. Dificilmente são classificadas como trabalhadoras, mas quase sempre como pedintes.

Discussão da categoria *informalidade* e uso do termo *trabalho não clássico*

Recentemente, a European Federation of National Organisations working with the Homeless (FEANTSA) divulgou que Finlândia é o único país europeu que conseguiu executar medidas para acabar com a situação de rua no país. Ver: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-39453230>



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O termo *informalidad*, cunhado nas pesquisas da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre o continente africano, nas décadas de 1960 e 1970 (PORTES & HALLER, 2004), inicialmente se aplicou aos vínculos empregatícios de contratos e relações trabalhistas precárias, que feriam direitos dos/as trabalhadores/as, contrariando a *normalidade* do mundo do trabalho (PERES, 2015; KREIN & PRONI, 2010; VERAS, 2011). Naquele momento, a informalidade era associada à pobreza e aos países mais pobres, considerados subdesenvolvidos. Inclusive, a OIT criou o Programa Regional del Empleo para América Latina y el Caribe (PREALC), para desenvolver este continente e garantir melhores condições de emprego e salários, com vistas a acabar com práticas de trabalhos *informais* (PERES, 2015; KREIN & PRONI, 2010). Estas são difundidas porque, diante do grande desemprego e da ausente retaguarda do Estado em ações como o seguro-desemprego, os/as trabalhadores/as, não podendo permanecer na condição de desempregados/as, criam maneiras compensatórias para conseguirem uma renda e subsistirem, por mais que este meio seja precário e assistemático (CACCIAMALI, 2000; GARCÍA, 2006).

Nesse contexto, as atividades denominadas *informais* tendem a estar associadas à precariedade, à flexibilidade e à vulnerabilidade, pois geralmente estão em desacordo com a lei, como a não vinculação à seguridade social (KREIN & PRONI, 2010). Porém, estas características, indiscutivelmente prejudiciais aos/as trabalhadores/as, podem ser constatadas em vínculos formais e informais, legais e ilegais, e em outras expressões do trabalho, em países considerados desenvolvidos e em subdesenvolvidos. Estas práticas *informais*, juntamente ao desemprego, às subcontratações e às terceirizações, têm sido agravadas pelo processo de reestruturação produtiva e de globalização, com graves prejuízos ao/a trabalhador/a (ANTUNES, 2009, 2011, 2014; ANTUNES & ALVES, 2004; HARVEY, 1992; VASAPOLLO, 2005; SENNETT, 2005; HIRATA, 2011; VEJAR, 2013).

Na análise desses trabalhos, conceitos são criados numa ótica de não descartar o uso do *informal*, mas agregar termos adjacentes na busca por melhor qualificar a realidade atual. É o caso do conceito *Nova Informalidad* de Pérez-Sáinz, baseado na constatação da heterogeneidade do mercado de trabalho e teorizado mediante três cenários da América Central. O primeiro diz respeito



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

às atividades autônomas como meio de sobrevivência. Segundo o autor, a novidade seria o acréscimo de setores da população considerados como *novos pobres*, referentes aos que, diante de crises e de políticas de ajuste, desvincularam-se do trabalho estável, considerado *formal*. O segundo se refere ao deslocamento produtivo, em que empresas formais, objetivando a flexibilidade e reduzir custos, subcontratam outras que atuam informalmente. Já a terceira está relacionada à aglomeração de pequenas empresas dinâmicas, geralmente em áreas mais rurais, nas quais as relações sócio-espaciais estão mais próximas (PÉREZ SÁINZ, 1995, 1998).

No Brasil, este conceito tem sido utilizado em algumas análises². Para Lima e Soares (2002), o trabalho informal agrega os indivíduos expulsos do mercado formal à modalidade de trabalhadores/as da velha informalidade. Dedecca e Baltar (1997), ademais dessa conceituação, agrega a tarefa autônoma para empresas formais, bem como a criação e redefinição de novas atividades econômicas. Figueiras, Druck e Amaral (2004) associa *informalidade* aos trabalhos não tipicamente capitalistas e aos que não são registrados, quer sejam legais ou ilegais. A essa situação caracteriza como *atividades não fordistas*. Nessa mesma direção de problematizar o *informal*, Cacciamali (2000) fala de *processo de informalidade*.

A diversidade e difícil compreensão do mundo do trabalho também são conceituadas pelos opostos formal/informal, legal/ilegal, justo/injusto, os quais estão ligados às dinâmicas econômica, jurídica e moral, respectivamente (Noronha, 2003). Mesmo separadas didaticamente, não há um limite claro, sendo cada vez mais difícil sustentar o *informal*, embora haja conceitos como *Nova Informalidade* e *Processos de informalidade*. Inclusive, para Pérez-Sáinz (1998, p.69), “o conceito de informalidade está se convertendo, progressivamente, em uma reminiscência do passado sem maior utilidade para explicar o presente”.

O uso do termo *Nova Informalidade*, mesmo agregando o *novo*, mantém o *informal* sobretudo pela persistente precariedade nos vínculos de trabalho, como diminuição da força de trabalho, insegurança na execução das atividades, não garantia de direitos trabalhistas (como não contribuição à previdência), contratos precários (comissões, horas, temporada, terceirização). Porém, a precariedade já existia, embora tenha se apresentado em novas modalidades. A novidade, pois, se

² Para mais exemplos, ver Oliveira (2005); Lopes (2008).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

deve às grandes empresas serem consideradas *formais* e modernas e, no entanto, infringirem os direitos trabalhistas (DE LA GARZA, 2017). Outras alternativas conceituais também surgiram para compreender os diversos tipos de trabalhos, porém estas apresentam apenas um enfoque sociodemográfico do trabalho sem problematizar as relações de produção, nem o significado das relações laborais (DE LA GARZA, S/D).

A partir de análises críticas pela Sociologia do Trabalho e áreas afins, ganhou destaque a perspectiva de que a dicotomia formal/informal não tem potencial explicativo para compreensão crítica do mundo do trabalho, sendo a informalidade um conceito *operacional e empírico* (DRUCK, 2011), um *quase-conceito* (SILVA, 2013), instrumental e vazio de significado *per se*, pois na prática há uma integração dialética entre formal e informal. A informalidade, além de existir no Brasil há muito tempo, não está presente apenas nos países considerados de periferia, pois compõe o capitalismo como um todo (TAVARES, 2002; OLIVEIRA, 2013). Conforme a metáfora de Cardoso (2017), os trabalhos de diferentes tipos e origem estão interligados pela financeirização do capitalismo, como se fosse numa galáxia. Assim, “para uma perspectiva mais crítica, a existência do trabalho *informal* não pode ser dissociada das estratégias de acumulação de capital” (VERAS, 2011, p. 197, grifos do autor).

Em consonância à negação dessa dicotomia e considerando as mudanças históricas como um fator-chave que pressionam a (re)elaboração de conceitos, o conceito *trabalho não clássico* de De la Garza surge para compreender as diferentes maneiras de trabalho na atualidade. Para ele, enquanto o trabalho *clássico* é teorizado através do ambiente clássico da indústria, o *não clássico* se refere às diversas modalidades de trabalho verificadas sobretudo na atualidade, nas quais há constantes variações da dinâmica das atividades realizadas e das relações sociais no universo trabalhista, em que clientes e outros/as atores/atrizes – transeuntes, agentes do governo etc - também podem se envolver no processo (DE LA GARZA, 2017).

Assim, há diferentes pressões e controles cotidianos sobre estes/as trabalhadores/as - sobretudo no complexo ambiente das ruas - inclusive com proibições para desenvolverem suas atividades, sob leis que impedem categorias de trabalho em espaços públicos. Nessa perspectiva há uma inovação a respeito do controle sobre o processo de trabalho. No caso clássico, o controle é



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

exercido hierarquicamente por gerentes e chefes. Em trabalhos não clássicos, o controle é multivetorial, exercido inclusive por clientes (DE LA GARZA, 2010). No exemplo do trabalho dos/as flanelinhas, o/a trabalhador/a é pressionado/a de diversos modos, podendo ser, inclusive, denunciado/a às autoridades pela ilegal cobrança para estacionar em local público e/ou por outras irregularidades.

O conceito *trabalho não clássico* abrange diferentes vínculos empregatícios, podendo incluir os considerados formais e os *informais*. São trabalhos que não obedecem a uma ordem fixa de jornada de trabalho e local de realização das tarefas, propiciando ao/a trabalhador/a maior controle sobre o horário de suas atividades e a renda auferida, arcando com possíveis consequências de ganhar menos. Em trabalhos não clássicos se verifica outras categorias que ultrapassam fronteiras técnicas e se organizam para caracterizar o trabalho e a postura do/a trabalhador/a. São aspectos emocionais, estéticos, cognitivos, morais, éticos etc., que estão em níveis diferenciados a depender da natureza do trabalho. Assim, o conceito *trabalho não clássico* é cabível ao estudo dos trabalhos de pessoas em situação de rua, por estes terem as seguintes características: realizados na rua; sofrem controle multivetorial; renda e jornada de trabalho assistemáticas; não se restringem aos aspectos técnicos. A pertinência do uso deste conceito, aqui, ficou evidente após o início das atividades de campo e do aprofundamento teórico, em que foi constatada a insuficiência analítica da dicotomia formal/informal.

III. Metodologia

Nesta pesquisa, tem sido utilizada a **entrevista** não estruturada enquanto técnica de pesquisa, para acessar opiniões através do estímulo de perguntas e pela criação de um espaço em que possam falar mais livremente. Para facilitar esse processo, tenho seguido orientações de Fontana e Frey (2003): adentrar no *lôcus* da pesquisa em conformidade com o contexto, estabelecendo empatia; conhecer a linguagem e a cultura dos/as entrevistados/as para evitar mal-entendidos e interpretações errôneas, prevenindo a sobreposição de conceitos acadêmicos. A **observação**, com um diário de campo, também é usada como suporte para fortalecer a análise através de dados não facilmente



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

captados na entrevista. E também para compreender melhor o cotidiano dos/as entrevistados/as. E a **fotografia** como ilustração dos dados e melhor análise da dimensão do ambiente de pesquisa.

Tem sido observada a dinâmica de trabalho dessas pessoas, desde as primeiras horas do dia ao final do mesmo. Para tanto, as idas ao local de pesquisa são realizadas em horários diferentes, até o momento priorizando o início do dia, em que as barracas estão sendo montadas na praia, e o final, em que as mesmas são guardadas. E nesse intervalo de tempo também tem sido observado o processo de outras categorias de trabalho, também inerentes à dinâmica da praia.

IV. Análise e discussão dos dados

Os dados que fundamentam este artigo são oriundos de um dos locais em que realizo investigação de doutorado, a saber, a praia de Boa Viagem, zona sul de Recife, localizada da Região Político Administrativa (RPA) 6³. A escolha desta área decorre do fato de haver muitas pessoas em situação de rua neste bairro, especificamente ao redor do Edifício Holiday⁴, exercendo diferentes trabalhos, como a função de flanelinha e o carregamento de “carroças”, ou seja, todas as cadeiras, mesas, guarda-sóis e demais utensílios a serem utilizados por outro trabalhador para oferecer serviços (como venda de bebidas e comidas) aos frequentadores da praia. O Holiday é localizado entre prédios luxuosos, contribuindo à visualização da desigualdade social em Recife, conforme as fotos abaixo:

Fotografia 1 – Edifício Holiday

Fotografia 2 – Edifício Holiday

³³ Recife é dividida em seis RPAs, para facilitar a formulação e execução das políticas governamentais. A RPA-1 abrange os seguintes bairros: Boa Viagem, Brasília Teimosa, Imbiribeira, Ipsep, Pina, Ibura, Jordão, Cohab.

⁴ Este prédio foi construído na década de 1950, sendo um dos mais antigos de Boa Viagem. Por ser composto por apartamentos pequenos, do tipo kitnets, tinha o objetivo de abrigar pessoas mais aos fins de semana ou mesmo pequenas temporadas de trabalho e estudo. Logo quando foi inaugurado, destacou-se por sua beleza arquitetônica e por ser um dos mais altos até o momento, tendo 15 andares. Com o tempo, pessoas mais pobres foram ocupando o espaço e, sem terem condições financeiras, a degradação do espaço foi aumentando, causada pela ausência de reformas, por exemplo. Atualmente, é um local considerado uma “favela vertical”, com ocorrências policiais ocorrendo quase todos os dias.

<http://www.luizberto.com/cronicas-do-padre-quincas/o-tempo-que-passei-no-holiday>

<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/suplementos/jc-mais/noticia/2015/09/13/holiday-e-um-predio-pessoa-198693.php>



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio



Fonte: Elaborada pela autora, 09/10/2016



Fonte: Elaborada pela autora, 09/10/2016

Por sua localização estratégica, no mesmo são guardadas muitas dessas carroças, num local extremamente sujo e insalubre, denotando ausência de arrumações e limpeza há muito tempo, contrastando com a riqueza e o luxo ao redor. É neste lugar, também, que algumas pessoas em situação de rua dormem, no térreo do edifício, no espaço de algum apartamento ou ao seu redor.

Para este artigo, foram analisadas 3 (três) entrevistas, agregadas às observações e às fotografias. Até o momento, verifica-se que esta atividade é realizada por homens. Ao investigar o trabalho de carregamento dessas carroças, as seguintes características foram constatadas: baixos rendimentos, incerteza quanto ao futuro, precariedade permanente, atividades não favoráveis à saída das ruas, prejuízo à saúde, às relações sociais e à subjetividade.

O baixo rendimento é uma característica constante da maioria dos trabalhos das pessoas em situação de rua. Ganha-se entre R\$5,00 a R\$10,00 por casa carroça transportada. Para alcançar o nível do salário mínimo no país, que já é baixo (atualmente R\$ 954,00 e R\$ 880,00 no ano da entrevista), é necessário muito trabalho durante muitos dias na semana.

A renda também é diminuta porque não há certeza quanto à rotina de trabalho, o que sequencia dificuldade de organização no presente e para o futuro. A própria vida errante consiste em obstáculo na organização financeira, fazendo com que a maioria dos gastos não seja planejada e, inclusive, sejam realizados imediatamente após a aquisição da renda. Dessa maneira, é comum entre essas pessoas a incerteza quanto ao presente e ao planejamento futuro.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Esse trabalho tem sido analisado segundo o conceito *trabalho não clássico* de De la Garza (2017, 2010), pois não apresentam uma rotina fixa, pois o acordo, quando há, que o trabalhador faz com os donos das carroças é flexível. O controle sobre a execução do trabalho não é oriundo apenas do patrão, mas também por diversos atores com quem o trabalhador interage no percurso entre Holiday e praia.

O peso das carroças tem forte potencial para trazer doenças irreversíveis, impedindo, inclusive, esses trabalhadores de conseguirem desempenhar outras atividades. Para esses trabalhadores, a doença está sempre presente enquanto algo muito temido e que deve ser evitado, pois significa um ou mais dias sem trabalho e, conseqüentemente, sem renda e com diversos prejuízos. Mesmo assim, reconhecem sua limitação para empenhar mais esforços com o objetivo de evitar enfermidades.

A situação de rua, agregada a trabalhos extenuantes como esse, gera uma precariedade de vida multidimensional, a qual pode ser observada através da expressão nos corpos. Considerando que as pessoas em situação de rua são desprovidas do acúmulo de muitos bens, o corpo ainda é um bem que não lhes pode ser retirado. O corpo e a expressão corporal são fortes indicadores do modo de vida. E as pessoas em situação de rua, por sua frequente exposição, dificilmente conseguem esconder que vivenciaram situações adversas. São cicatrizes, rugas precoces, queimaduras do sol, doenças epidérmicas e, dentre tantas outras, marcas do trabalho precário, oriundas de acidentes, esforços além da capacidade física, movimentos repetitivos, etc.

Toda esta situação impacta diretamente na formação da subjetividade desses indivíduos, como nas emoções, pensamentos e autoestima. São, portanto, trabalhos extremamente precários, pois, além de serem muito extenuantes, não proporcionam uma renda que garanta o bem estar e uma qualidade de vida digna.

Verifica-se que essa condição de trabalho, analisada por muitos como informal, não tem sido exceção, mas uma regra. O trabalho formal, de carteira assinada, não é mais a regra, pois os níveis de desempregos estão muito altos, gerando aumento do trabalho por conta própria, também



considerado informal. No final de 2017, o desemprego no Brasil estava em 11,8%, afetando 12,3 milhões de brasileiros⁵.

Além disso, cada vez é mais notório que um trabalho de carteira assinada não é garantia de estabilidade e de condições para satisfazer as necessidades básicas, pois a maioria desses vínculos empregatícios confere um salário mínimo, o qual não é suficiente para atender as demandas de um indivíduo, muito menos se este é responsável pela subsistência de uma família, por mais pequena que esta seja.

V. Conclusões

Por meio desta investigação tem-se verificado que, até o momento da pesquisa, estes trabalhos são caracterizados pelo baixo rendimento e incerteza quanto ao planejamento futuro. São atividades que, para a grande maioria dos que as executam, não apresentam condições favoráveis à saída da situação de rua, fato mais evidente quando se considera a permanência da execução dessas atividades ao longo de muito tempo. Trata-se, portanto, de trabalhos precários permanentes, os quais, além de não satisfazerem as necessidades de sobrevivência dos indivíduos, prejudicam a saúde, as relações sociais e a dinâmica subjetiva destes.

Um dos trabalhos executados diariamente no Holiday – o carregamento de carroças até a praia – é invisibilizado tanto por moradores do bairro quanto por frequentadores da praia, recifenses e turistas. O processo de invisibilização não decorre apenas do horário muito cedo em que a atividade é realizada, considerando que quando os frequentadores da praia começam a chegar, a estrutura para os receber já está organizada. Mas, esse trabalho é sobretudo invisível porque é realizado, em grande parte, por pessoas de hábitos não convencionais, ou seja, que vivem e dormem nas ruas – as pessoas em situação de rua. São pessoas que vivem a pobreza, especificamente a pobreza extrema, numa sociedade em que esta condição é naturalizada. São invisíveis as pessoas e

⁵ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/19756-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-11-8-no-trimestre-encerrado-em-dezembro-e-a-media-de-2017-fecha-em-12-7.html>



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

invisíveis seus trabalhos, embora os dois tenham presença marcante por onde passem, pois compõem uma expressão viva da desigualdade social.

Assim, este artigo discutiu um dos tantos trabalhos que fazem as pessoas em situação de rua, mostrando que, embora estejam nesta circunstância pelas condições perversas do capitalismo que priva muitos do direito ao emprego – considerando que, diante da ineficácia de políticas públicas, a renda consiste num elemento primordial ao bem-estar e à qualidade de vida digna – ainda assim essas pessoas são trabalhadoras. E é justamente a precariedade de seus trabalhos que as condicionam à permanência nas ruas.

Como foi verificado, esse trabalho não garante periodicidade constante e, conseqüentemente, não gera uma renda fixa. Esse é um dos principais motivos que dificultam o planejamento presente e futuro dessas pessoas, com impactos negativos em sua qualidade de vida, a exemplo de doenças físicas e psíquicas, bem como o medo da velhice ao reconhecer a incerteza da aposentadoria. Esse é, portanto, um exemplo de trabalho não clássico teorizado por De la Garza.

VI. Bibliografia

ANTUNES, Ricardo. (2014). Desenhando a nova morfologia do trabalho no Brasil. *Estudos Avançados*, 28 (81).

_____. (2011). Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 107, p.405-419.

_____. (2009). Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? In: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. (Orgs). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Biotempo.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. (2017). As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 25, n.87, p.335-351, maio/ago. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf> > Acesso em 22 de Novembro de 2017.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- CACCIAMALI, Maria Cristina. (2000). Globalização e processo de informalidade. *Economia e Sociedade* (Campinas), nº14, jun., 152-174.
- CARVALHO, José Murilo de. (2008). *Cidadania no Brasil: O longo caminho*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- DEDECCA, Cláudio.; BALTAR, Paulo. (1998). Mercado de trabalho e informalidade nos anos 90. In: *Estudos Econômicos*, São Paulo, nº 27.
- DE LA GARZA, Enrique. (2017). Crítica del Concepto de Informalidad y la Propuesta de Trabajo no Clásico. *Trabajo*, año 9, nº 14.
- _____. (2010). *Hacia un concepto ampliado de trabajo. Del concepto clásico al no clásico*. Ciudad de México: Anthropos.
- _____. (S/D). *Que es el Trabajo no clásico?* S/D. Disponível em: <<http://sgpwe.izt.uam.mx/pages/egt/Cursos/SeminarioTNC/TrabajoNoClasico.pdf>> Acesso em 01 de Junho de 2017.
- DRUCK, Graça. (2011). Precarização e informalidade: algumas especificidades do caso brasileiro. In: OLIVEIRA, Roberto Vêras de; GOMES, Darcilene; TARGINO, Ivan. (Orgs). João Pessoa: Editora Universitária.
- ESCOREL, Sarah. (2003). Vivendo de teimosos: moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. (p. 139-171). In: BURSZTYN, Marcel (org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond.
- FIGUEIRAS, Luiz A. M.; DRUCK, Graça.; AMARAL, Manoela Falcão do. (2004). O conceito de informalidade: um exercício de aplicação empírica. In: *Caderno CRH*, Salvador, v. 17, n.41, p.211-229.
- FONTANA, Andrea.; FREY, James. (2003). The Interview: From Structured Questions to negotiated text. In: DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Yvonna. *Collecting and Interpreting Qualitative Materials*. Thousand Oaks/London/New Dheli: Sage Publications.
- GOUGH, Ian Roger. (1999). *The Needs of Capital and the Needs of People: Can the Welfare State Reconcile the Two?* Lecture at The Chinese University. Disponível em: <http://www.iso.cuhk.edu.hk/weilun/en/gough/gough_fulltext1.html> Acesso em 20 de Março de 2015.
- GARCÍA, Brígida. (2006). La situación laboral precaria: marcos conceptuales y ejes analíticos pertinentes. *Trabajo*.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- HARVEY, David. (1992). *A condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola.
- HIRATA, Helena. (2011). Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. In: *Caderno CRH*, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 15-22.
- IVO, Anete Brito Leal. (2008). *Viver por um fio: pobreza e política social*. São Paulo: Annablume; Salvador: CRH/UFBA.
- KREIN, José Dari; PRONI, Marcelo Weishaupt. (2010). *Economia informal: aspectos conceituais e teóricos*. Escritório da OIT no Brasil. Brasília, OIT, 2010.
- LIMA, Jacob Carlos; SOARES, Maria José Bezerra. (2002). Trabalho flexível e o novo informal. In: *Caderno CRH*, Salvador, n. 37, p. 163-180.
- MEDEIROS, Marcelo. (2003). *O que faz os Ricos ricos: um estudo sobre fatores que determinam a riqueza*. 2003. Doutorado (Tese de Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade de Brasília. Brasília. Disponível em: <<http://www.gestaopublicaemfoco.com.br/files/12.pdf>> Acessado em: 20 de Novembro de 2017.
- NORONHA, Eduardo G. (2003). “Informal”, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. *RBCS* Vol. 18 nº 53.
- OLIVEIRA, Francisco. (2013). *Crítica à razão dualista. O Ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo.
- PEREIRA, Camila Potyara. (2006). A pobreza, suas causas e interpretações: destaque ao caso brasileiro. In: *Ser Social*, Brasília, n.18, p. 229-252.
- PERES, Thiago Brandão. (2015). Informalidade: um conceito em busca de teoria. *Revista da ABET*, v.14, n.2.
- PÉREZ-SÁINZ, Juan Pablo. (1998). ¿Es necesario aún el concepto de informalidade? In: *Perfiles Latinoamericanos*, n. 13, pp. 55-71, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales - FLACSO, Costa Rica.
- _____. (1995). Globalización y neoinformalidad em América Latina. In: *Nueva Sociedad*, n. 135, pp36-41.
- PORTES, Alejandro; HALLER, William. (2004). La economía informal. *Serie políticas sociales*. Santiago de Chile: Naciones Unidas, CEPAL.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- ROSA, Cleisa Moreno Maffei. (2005). *Vidas de rua*. São Paulo: Hucitec: Associação Rede Rua.
- SENNETT, Richard. (2005). *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Tradução Marcos Santarrita. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record.
- SILVA, Luiz Antonio Machado da. (2013). Mercado de trabalho, ontem e hoje: informalidade e empregabilidade como categorias de entendimento. In: SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo. (Orgs). *Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo
- SILVA, Maria Lúcia Lopes da. (2009). *Trabalho e População de Rua no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora.
- SNOW, David; ANDERSON, Leon. (1998). *Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua*. Tradução de Sandra Vasconcelos. Petrópolis: Vozes
- TAVARES, Maria Augusta. (2002). Trabalho informal: os fios (in)visíveis da produção capitalista. *Revista Outubro*, n.7. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ymGuATNV1WoJ:www.fae.edu/galeria/getImage/1/361633460249798.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=mx>> 05 de Julio de 2017.
- VARANDA, Walter; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. (2004). Descartáveis urbano: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. *Saúde e Sociedade* de v. 13, n.1, p.56-69. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n1/07>> Acessado em: 19 de julho de 2016.
- VASAPOLLO, Luciano. (2005). *O trabalho atípico e a precariedade*. São Paulo: Expressão Popular.
- VEJAR, Dasten Julián. (2013). Trabajo, precariedad y “habitus precário”. Aproximaciones al estudio de la(s) precariedad(es) en América Latina. In: *Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho*, Ano 18, nº 30, 185-210.
- VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei (orgs.). (2004). *População de rua: Quem é, como vive, como é vista*. 3. ed. São Paulo: Hucitec.
- VERAS, Roberto. (2011). Para discutir os termos da nova informalidade: sobre sua validade enquanto categoria de análise na era da flexibilização. In: OLIVEIRA, Roberto Vêras; GOMES,



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Darcilene; TARGINO, Ivan. (Orgs.) *Marchas e contramarchas da informalidade do trabalho: das origens às novas abordagens*. João Pessoa: Editora Universitária.